

Imagem do Selo Aldir Blanc Bahia / Prêmio Cultura na Palma da Mão

APOIO FINANCEIRO: Prêmio Cultura na Palma da Mão, Programa Aldir Blanc Bahia, Secretaria de Cultura, Governo do Estado da Bahia, Secretaria Especial da Cultura, Ministério do Turismo e Governo Federal.

MUTHA

VÍDEO UM – KARLA

Nome da entrevistada: Karla Zhand

Entrevistador: Não identificado.

(Karla inicia o vídeo)

Karla: "É... Bom dia. É... Meu nome é Karla Zhand. Sou pessoa trans. Tenho cinquenta e seis anos, e moro num bairro de... Nazaré, Ladeira da Independência."

Entrevistador: Como foi a sua infância?

Karla: "Nossa, a minha infância foi... uma infância muito difícil, porque eu não nasci em Salvador. Eu nasci em Sooretama, que é um interior de lá de Vitória... do Espírito Santo. E eu, aos seis anos de idade, eu já me senti uma criança rejeitada porque... a... a família do meu pai, né... meu avô, que era muito preconceituoso, era uma pessoa autoritária, não me aceitava, porque desde criança eu já demonstrava que eu era. Então, eu fui muito discriminada, fui... fui muito rejeitada, e eu não tive uma infância feliz, porque é... aos sete anos, eu fui embora de casa. Quer dizer, fui embora por livre e espontânea vontade? Não. Porque ele pegou as minhas roupas, colocou dente de uma sacola. Como ele sabia onde minha mãe estava, ele pegou e me trouxe. Chegou aqui, a minha mãe era vendedora de mingau, na porta do Hospital das Clínicas, e ele me entregou. Simplesmente disse: 'Toma aqui que o filho é seu' e... foi embora. Então, eu tenho essa revolta, eu tenho essa angústia de, não poder ter vivido, não poder ter compartilhado dessa... dessa minha... é... infância, junto com a família que, eu achava que, de uma forma, me qui... me quisesse, mas na verdade, não me queria. Aí ele me trouxe, me deu pra minha mãe. Minha mãe era uma pessoa pobre, sem... sem instrução... é... não estudou, e eu, era uma pessoa que... eu estudava até certo ponto. É... com seis anos de idade, eu tava numa, numa série avançada, e eu fui obrigada a chegar aqui, a ficar muitos anos sem estudar, e quando eu fui estudar, eu já tinha quase dezesseis anos. Um mês que eu estava no colégio, eu fui obrigada a sair do colégio, porque eu fui atropelada, e... não tinha condições de pagar transporte. Eu ia a pé, e voltava a pé, porque meu colégio era lá no... Palmeira da Barra, era na Barra Avenida. Eu ia andando da Federação até a Barra todos os dias. Então, eu fui obrigada a sair. Eu passei necessidade. Como uma criança, eu fui é... ser carregadora de... de... de compra na porta de mercado. Eu, quando não tinha o que comer, eu ia pra garagem, que era lá no supermercado chamado... era... Paes Mendonça, e eu ficava

esperando as pessoas cabarem de lanchar pra eu pegar o resto, e lanchar; e trabalhava também na... no Mercado Livre, que tinha... era uma feirinha, que tinha atrás do colégio Marista, ali mesmo no Canela. E foi quando um dia, uma senhora, eu fui levar as compras na casa dela, ela me perguntou se eu não queria trabalhar na casa dela. Ai eu falei: 'A senhora fala com a minha mãe'. Ela disse: 'E quem é a sua mãe?'. Eu disse: 'É aquela senhora ali, que está ali, vendendo mingau'. Ela: 'Ah, sua mãe! Conheço muito tempo sua mãe. Compro bolo, compro cuscuz na mão dela'. Porque, minha mãe vendia bolo, mingau, cuscuz, e café da manhã, pras pessoas que vinha fazer tratamento no Hospital das Clinica. E eu, com dezesseis anos, eu fui trabalhar né... de empregada doméstica, e... eu larguei a casa da minha mãe, pra poder eu sobreviver. Eu fui trabalhar de empregada doméstica. Trabalhava o dia todo, à noite eu ia estudar, no Colégio Marista. Mas, era tão... difícil conciliar trabalho, porquê trabalho doméstico é um trabalho muito pesado né... a gente, é cansativo. E, ia trabalhar e comé que eu ia conciliar? Trabalhar de manhã até às seis horas da tarde, e depois, de noite, ter que ir pro colégio. Chegar dez horas da noite, dormir pra acordar cedo pra fazer os... os trabalho. Então, é... a minha vida como eu pensava, né... quando eu estava lá na casa do meus avós, que eu fui criada pelos meus avós. Eu pensei que fosse diferente, porque eu pensei que eu fosse uma criança que eu ia estudar, e ia chegar nos meus objetivo. Hoje, eu tenho uma angústia, eu tenho uma... é... uma depressão, por conta disso. Porquê eu não fui uma criança feliz. Eu não tive a... a... a infância feliz. A... a minha adolescência também não foi feliz, porquê a... eu num... num... num tinha o que eu necessitava, né... que era o amor. Eu tinha o amor da minha mãe, mas não tinha o amor do meu pai, o amor do meu avô, que me rejeitou, porque dizia que eu era filha bastarda. Então, isso pra mim foi muito difícil, né... De poder ver e... os meus primos, que era filho das minhas tias, ser acolhidos, ser chamado de neto, e eu, ser chicoteada, né... Eu apanhava mesmo, eu.. até os tempo que eu vivi lá na casa do meu avô, eu apanhava bastante. Eu era uma criança sofrida, né... Aqui em Salvador também, eu cheguei, né... e eu só fui é... é... realmente saber porquê eu, né... eles sabiam que eu era uma criança diferente, né... um... um... um gayzinho como dizia antigamente, mas eu só fui me descobrir realmente, que eu era um... um homossexual, uma... uma pessoa trans... aos meus 16 anos de idade já. Quando eu passei a me ver diferente. Quando eu passei a não me aceitar do jeito que eu era. As pessoas queria que eu fosse de um jeito, mas eu dizia que eu não era aquela pessoa que eu representava. Aquilo tudo ali era uma fantasia e... eu só fui mesmo me assumi, e... a viver a minha vida de pessoa trans, aos 18 anos de idade.

Entrevistador: "E aí, a partir daí...?"

Karla: "A partir daí, eu comecei a frequentar o Farol da Barra, é... o Porto da Barra. Nessa época da década de 80, nós tínhamos lá no Porto da Barra é... a Ceia do Porto, né... onde se encontrava milhares de... é... homossexuais, pessoas que faziam show, e que se chamava transformista. E, eles montavam um palco, e uma mesa imensa de produtos... é... da região, né... e... às cinco da tarde tinha um show e... as pessoas se apresentavam no palco... é... na... na... na época quem fazia tanto sucesso era Madonna, é... Donna Summer, Whitney Houston. As transformistas se montavam, e se apresentavam ali. E eu, até ai, eu não sabia realmente o que era aquilo ali, que... o que significava transformista, o que significava aquela comunidade toda se reunida na praia. A... mais tarde, eu frequentano o Porto da Barra é... o Farol da Barra, que eu fui conheceno travestis, transexuais... ai que eu fui me envolvendo, e me descobrino como uma mulher trans. Então, eu passei a frequentar as boate, a frequentar praias,

né... final de semana, quando eu tinha folga. E, comecei a me descobrir, a ter interesse, a frequentar a noite... quando eu... é... conheci uma pessoa que morava fora, morava na França, e foi a pessoa que me levou primeiramente numa boate, que eu não conhecia como boate gay, que era 'Homes 24' (A grafia pode estar incorreta). Eu fui nessa boate, e lá eu fiquei encantada, porque eu descobri que tinha um mundo na qual eu não conhecia. Eu comecei a frequentar essa boate, depois eu descobri que existia também o GGB, Grupo Gay da Bahia, que funcionava na Rua do Sodré. E, lá eu comecei, a toda noite, a ir pra reunião, a descobrir, a me empoderar dos meus direitos, a ver como as coisas funcionavam naquelas pessoas que eram discriminadas... é... violentadas e... não tinham direito, porque nós não temos direito, né... Nós vivemos de teimosas, né... A transexual, a travesti, pra sociedade, ela não existe. Então, a partir desse momento, eu comecei a me empoderar dos meus direitos, a lutar, né... eu comecei a minha militância muito cedo, dentro do GGB, né... Agradeço o GGB de ter me empoderado, de ter... é... me instruído pra enfrentar o mundo. O professor Luiz Mott, que é antropólogo, que é uma pessoa... ele era o presidente do Grupo Gay. Então, foi aí que eu comecei a descobrir, o mundo gay, o mundo das trans, que eu passava de noite na Avenida Sete, na Carlos Gomes, e eu via pessoas, né... mas, eu não identificava até então, que significava aquelas pessoas ali. Elas estavam se prostituindo, mas eu não sabia que era uma trans, uma travesti. Depois de muito tempo, eu conheci uma estilista que se chama... é... Paloma. Hoje, ela tá morando na Europa. Aí ela me levou pra esse mundo, né... ela me mostrou que era ser travesti. Ela me mostrou o que era viver a vida de uma travesti, porque a gente saía na rua, a gente era apedrejada, a gente recebia... chovia. A gente era vaiada, a gente não podia desfilhar. Paloma que empoderou esses vendedores, esses ambulantes da Barroquinha, da Avenida Sete. Ela ia várias vezes, indo e voltando, pra que esses ambulantes, essas pessoas que dava chovia na gente, se acostumassem com a nossa presença, e parassem de nos agredir. Foi aí que então, foi Paloma, essa travesti que mora na Europa há mais de 10 anos, que fez esse empoderamento das pessoas que nos agredia, que nos achicavam, que... é... que achava que travesti era aberração da natureza. E, foi aí que eu decidi me transformar numa... uma travesti. E hoje, eu... é... me amo, eu me aceito, né... como tem muitas que... que... desistiram, porque não aguentaram tanto preconceito, tanta discriminação. E, eu mesmo sofrendo preconceito da minha família, discriminação da sociedade, eu me aceito, eu me amo. Hoje, eu entro em qualquer lugar, de cabeça erguida. Eu não tenho... é... vergonha de eu ser uma mulher trans. Eu tô aqui pra poder lutar contra esse preconceito, contra essa discriminação, contra essas pessoas que insistem em dizer que travesti não é pessoas, não é digno de emprego, não é digno de entrar em nenhum lugar público, digno de estar vivo. Travesti é sim. É dignidade e respeito. Então, eu me considero uma trans, né... eu sou uma mulher trans. Então, eu respeito à todas as questões de é... travesti, de é... gays, de homens trans, né... que somos todos da mesma família."

Entrevistador: "E sua vida hoje, como é?"

Karla: "Como eu disse, vidas de mulheres trans de... principalmente, uma trans negra, de bairro, de uma periferia, que é a todo tempo banalizada, discriminada... Eu, né... aos meus cinquenta e seis anos, eu não tenho minha carteira assinada. Eu não tenho direito a nada, né... porque a sociedade não me permitiu que eu, como mulher trans, eu pudesse ter alguma profissão. Quer dizer, eles acham que mulher trans, travesti... ele pode ser o que? Cabeleleira, empregada doméstica, ou então... prostituta, né... Eu fui prostituta, né... é... na década de noventa, eu é... consegui ir pro outro lado é... do

oceano. Eu consegui trabalhar. Não sou rica, mas eu consegui uma estabilidade. Eu consegui alguma coisa, pra poder eu é... me manter durante um certo tempo, mas só que depois é... o dinheiro acaba, e a gente tem que... é... voltar novamente de onde a gente parou. Então, eu fui pra Europa. Eu vivi sete anos na Suíça, e lá, eu pude conhecer outros países, né... eu me senti feliz nessa época, que eu pude é... tá dentro de um país, e conhecendo outros países. Então, pra mim ai foi boa, mas, por circunstâncias do destino... eu acho, eu acredito muito que o destino, ele conspira... é... com a nossa vida, eu voltei pro Brasil, e hoje, tô aqui. Aos cinquenta e seis anos, tava num projeto que era PrEP... PrEP... é... pra adolescente, que era... funcionava uma clínica dentro do Pelourinho, na rua é... é... do Tijolo, número 8, num casarão. Dentro do Casarão da Diversidade funcionava essa clínica. Era coordenada pela doutora e professora Inês Dorado, e eu, tava lá exercendo várias funções. Desde da... é... é... auxiliar de serviços gerais até a capacitadora de pessoas é.. é... trans, de pessoas não-trans, pra poder estar fazendo a testagem do HIV e... dependendo do resultado, o adolescente era encaminhado pra fazer a PrEP, que era a PrEP 15-19. Esse era o Projeto Prepara Salvador, e eu, durante 3 anos, eu pude tá lá, né... inserida dentro desse projeto, ganhando uma bolsa na qual eu podia até desfrutar de... tá fazendo o que eu não fazia, né... comprando coisas, é... me divertindo é... podeno é.. ajudar até pessoas que necessitavam. Mas, o projeto finalizou no dia 17 de dezembro, e hoje, eu estou aqui, né... procurano o que fazer porque é... trabalho para pessoas trans não existe, né... pode ser que eu, né... encontre alguma coisa pra me fazer, tipo uma faxina, uma coisa, mas até agora, não encontrei nada. Então, a minha vida tá sendo um pouquinho difícil, né... porque eu tenho que me sustentar, eu tenho que sustentar os meus bichos, que eu tenho três cachorros, dois gato, e, eles dão muita despesa, né... E, tenho que pagar minhas contas também, e isso se torna um pouco difícil pra mim. Ai então, minha vida tá sendo um pouquinho difícil, mas eu espero que daqui pra frente, até 2023, eu possa tá dando a volta por cima."

Entrevistador: "Você conseguiu voltar aos estudos para terminar o segundo grau?"

Karla: "Sim, eu... eu consegui, né... é... depois que eu parei... é... eu tava estudando de noite, eu parei num certo tempo. Ai depois, eu comecei de novo. Eu consegui fazer o segundo grau, mas é... eu achava pouco segundo grau. Só que, como eu disse a você, que eu fui pra Europa, aí eu morei lá sete anos. Eu parei de estudar. Eu esqueci por algum tempo o Brasil, e eu vivia só aquela vida que as trans, na maioria, elas vivem... porque é... é completamente diferente. A cultura, o respeito é... a dedicação, né... A gente sofre preconceito também, mas, é diferente do Brasil. A gente... Aqui, a gente sofre mais preconceito, mais discriminação, e lá na Europa, você é respeitada. Eu trabalhava num... num... num salão é... que eu botava é... é... anúncio no jornal. Os homens iam lá. Eu era prostituta mesmo. Eu colocava lá no Bernas Itum (talvez seja o Bernas Zeitung. A grafia pode estar incorreta), no... no... Berna Poster. Ai colocava os meus... é... apetrechos, o que eu fazia, o que eu não fazia. E, os homens me ligavam, e iam me buscar; e eu conseguia ganhar dinheiro. Eu conseguia comprar aquilo que eu tinha vontade, aqui no Brasil, e não conseguia. E lá, eu tive oportunidade de realizar meu sonho, de comprar o que eu queria, e depois, como eu disse, por causa do destino, o destino conspira a... a... a nossa vida. Eu tive que voltar ao Brasil, por causa de minha mãe que tava doente, por causa de algumas coisas que tava acontecendo, e... necessitava da minha presença aqui. Ai então, eu tive que voltar, e deixei os estudo. Ai hoje, já tem dois anos que eu retornei aos estudos, né... está sendo um pouco difícil, mas eu pretendo continuar. Eu não quero abandonar, né... meu

marido diz: 'Pra quê? Você já é formada em Direitos Humanos. Você já tem diploma. Pra quê continuar a estudar?'. Porque eu quero mostrar pra sociedade que travesti também é cultura."

Entrevistador: "Em que é esse diploma?"

Karla: "Eu... em Direitos Humanos. Eu sou promotora. Eu fiz curso. Eu sou formada pelo Gab (A grafia pode estar incorreta). Eu fiz promotora em Direitos Humanos é... leiga. Eu sou PLP, Promotoras Públicas Legais Populares, mas eu tenho um diploma que, eu fiz é... de Direitos Humanos, em Políticas Pública, em Noções Básicas de Direitos Civis, Direito Advocaci, em vários direitos que a... a... sociedade é... não tem conhecimento. É... eu fiz um curso no Gab (A grafia pode estar incorreta), foi durante três anos, que me proporcionou tá é... é... me empoderano dessas coisas, que eu fui pra é.. é.. faculdade discutir com professores, que eu fui pra defensoria pública discutir com promotores. Enfim... eu me empoderei dos direitos que nós, mulheres trans e travestis, temos perante a sociedade, né... Sou uma promotora leiga, mas eu sei de alguns direitos, que nós temos direitos."

(O vídeo corta. Tela preta. Karla continua.)

Karla: "Eu já fui chamada várias vezes, mas só que na maioria, as pessoas é... querem que eu vá fazer uma apresentação é... é... zero oitocentos. E aí eu digo: 'Eu preciso de... me alimentar, eu preciso pagar minhas conta'. 'Ah, tá bom'. Aí não... me descartam, né... porque querem que você vá lá falar... Só isso. Mais nada. Pra num... num contribuir com nada, né... você contribui pra eles, mas pra você contribuir, alguma coisa, remuneração, você não é contribuída. Então, eu deixei de fazer essas coisas. Quando uma amiga minha, ou uma instituição precisa da... da... da... do meu empoderamento, da minha é... é... é... do meu influenciamento como uma pessoa militante, ativista, eu vou lá e mostro, né... as minhas habilidades, mas fora disso, fazer palestra, é.. publicamente... eu não vou."

Entrevistador: "Você pode falar mais um pouco sobre isso?"

Karla: "Teve muitas pesquisas. Não vou citar o nome do pesquisadores, que vem... ele faz o projeto. Ai o pesquisador, o coordenador do projeto, ele desenvolve o projeto, chama a pessoa trans, a travesti para participar desse projeto. Ai na qual a... a... a... a mulher trans, a travesti... ela passa mal, né... ela mora mal. Tem algumas que não tem nem onde morar. Ai sai de casa, vai participar desse projeto. Ai tem direito ao quê? A uma merenda, um lanchinho, né... ou então, uma pequena remuneração. Dão a ela trinta reais, cinquenta reais, né... ela ganha muito mais que isso num... se ela... se ela trabalha no site, e ela perde o tempo dela, porque pra você participar de uma pesquisa tipo de DST, HIV, pra colher sangue, pra poder fazer um questionário, responder um questionário... você demora muitas horas. Pra você fazer um exame, tão mais horas ainda. Então, você vai pra lá, passar quase o dia todo, a tarde toda. Ai você no final, você vai receber cinquenta reais, e o seu... o pesquisador, o seu... quem desenvolveu o projeto, vai receber muito mais de que isso. Então, eu acho que a pesquisa é... é que... é... é... as ONG desenvolve deveria ser assim. Capacitar aquelas meninas,

colocar lá dentro também pra tá trabalhando, pra tá dando salário, pra tá dando uma remuneração, remuneração, pra que ela possa sobreviver, pra que ela possa é... é... tá se mantendo. Não indo pra rua viver a violência, porque as meninas vive todo dia violência. Todo dia, as meninas são agredidas, são violentadas, porque trabalhar na rua de prostituição não é dif... não é fácil, não. Muito difícil. A... a... a... mulher trans, a travesti ela sofre. Ter que chegar oito horas da noite, ficar numa esquina até às três, quatro da manhã, e quando sair de lá, sair com cem, duzentos reais... é um sofrimento, é uma... é... viver uma... uma... uma vida que... sem expectativa. Por isso que, muitas delas, abandona o Brasil e vão embora pra Europa. Mesmo que ela ganhe cem euros, duzentos euros... elas estão ganhando muito mais do que aqui porque lá é... cem euros, duzentos euros... digamos que ela ganhe isso todo dia, numa semana, ela vai ter um dinheiro que ela vai poder, se quiser, mandar pro Brasil, e, continuar sobrevivendo lá. Aqui, não. Aqui, eles querem pagar dez reais, vinte reais, trinta reais... ai não vale a pena, mas também, aquela transexual, aquela travesti que trabalha em site, elas consegue até tirar uma boa renda, mas, quando a pessoa desenvolve um projeto, quando a pessoa... como a Keila Simpson... ela junto com outras pessoas do... da UFBA... ela desenvolveu esse projeto, ela fez questão de colocar um... um... um... valor... que a... a... a... as travestis, as transexuais pudesse ter um sustento, né... é... pagar suas conta, é... é... pagar o transporte e... ter entusiasmo pra todo dia tá lá, pra tá em reuniões, pra tá levano menina, pra tá capacitano menina. Então, isso é importante. Não é só você pensar em si e abandonar... por exemplo, é... é... a... a... a cobaia. Nós somos cobaia, pra viver só de pesquisa? Nós também precisamos sobreviver."

Entrevistador: Quer falar sobre aquele evento que teve com os meninos mais velhos?

Karla: "Eu estudava num colégio é... era assim... a minha madrinha, ela me levava pro colégio. O meu padrinho ia me buscar. A minha madrinha me levava... quando foi um dia, a minha madrinha... meu padrinho não pôde me buscar. Aí, deu o horário, eu peguei, sai sozinha. Só quando eu tarra passano, tinha uns menino, né... maior de que eu. Aí os meninos pegaram, me puxaram. Aí, como dizia naquela época, 'Ei, venha cá! Vamo fazer ozadia'. Ai, eu na inocência, não sabia o que era aquilo. Os meninos tudo com os pigulin... ai comecei a fazer ozadia. Aí um tio meu viu aquilo, e depois foi lá, e chamou o meu avô. Quando o meu avô: 'Ah, discarado! É assim que você tá botando os meninos a perder, né? Você tá botando os meninos a perder, fazendo putaria com os menino. Bem que eu desconfiava que você era... gostava de chiclete'. Ai eu tomei um surra de cipó caboclo, e, fiquei, né... mal falada porque eu que tava induzindo os menino. Não era os meninos que tava me induzindo. Eu induzia os meninos a fazer isso. Já pensou? Eu, uma criança! Os meninos maior. Tinha menino de dez, doze anos, e eu que tava induzindo os menino a fazer isso. Ai um ano depois, eu fui... é... pegaram minha... coisa pouca, né... shortinho, camisetinha, coisa assim... o meu batistero, né... que antigamente, o registro era o batistero. Você era batizada na igreja, e toda a sua vida tava ali. Botaram dentro da sacola, compraram a passagem. Ele mesmo veio me trazer, me colocou lá. 'Tome aqui, que o filho é seu.'. Ai minha mãe: 'Hã?'. Ai eu fiquei perdida, perdida assim... 'O que aconteceu? Por que que eu tô aqui, né?'. Ai até eu me acostumar a essa vida, né... dos meus sete ano até os 16 anos, sem poder estudar. Ainda fui estudar porque minha mãe, ela pediu pra... uma amiga dela, que trabalhava no Hospital das Clínica, que me arranjasse uma roupa, pra poder eu ir pra escola porque nem isso minha mãe tinha condições de mim dar. Pediu a roupa e o sapato. E, não foi ninguém na minha família que foi no colégio não. Eu fui no

colégio, no Palmeira da Barra, que hoje, parece que tão fazendo lá um arranha céu. Eu que fui pedir à diretora pra estudar, e a diretora falou pra mim: 'Quantos anos você tem?'. Eu falei: '16 anos'. Aí ela: '16 anos? Traga alguém da sua família aqui, que você não pode ser responsável'. Ai eu, por muito pedir, por muito implorar, ai minha mãe pegou a minha irmã mais velha, e foi até o colégio comigo, pra colocar... pra me matricular. A minha irmã foi assinar responsável, o texto de responsabilidade. Mas só que um mês depois, como eu ia a pé, e voltava a pé, o carro me pegou. Aí eu perdi a vontade de ir pro colégio, né... Aí foi toda isso aí. Eu fui, comecei a carregar compra lá na porta do... do... supermercado Paes Mendonça, a ir pra Feirinha Livre, a ir comer é... é... sobra das pessoas que deixava lá na lanchonete, porque minha mãe era pessoa pobre. A minha mãe é... é... ganhava pra poder sobreviver, pra poder pagar o aluguel, pra poder pagar a casa. Nem televisão nessa época minha mãe tinha. A gente tinha que sair... minha mãe tinha que sair de lá da casa, que a gente morava na Federação, uma escada enorme, pra poder ir pra casa da vizinha ver televisão. E, todo dia, eu tinha que acordar quatro horas da manhã, com a sacola da... de mingau na cabeça, com bolo, tudo... ir da Federação até o Hospital das Clínicas, andando, levar a minha mãe pra poder vender. Tinha que ficar esperando minha mãe acabar também, pra poder voltar com ela pra casa."

Entrevistador: Você falou algo mais cedo que achei interessante, sua mãe era de Cabo Verde?

Karla: "Minha mãe era Cabo Verde... é... essas pessoas... é... é... morena... cabo verde, né... que... que é índia. Minha mãe era mestiça, né... Então, ela tinha os cabelos longos, muito bonita minha mãe. Muito bonita. A minha... a minha bisavó ela foi pega dentro do mato."

Entrevistador: Com ela você tinha contato?

Karla: "Não, porque eu não conheci. Eu não conheci a minha avó por parte da minha mãe, e nem minha bisavó. Eu conheci mais a... a... os parentes do meu pai. Conheci a vó, conheci vô, conheci tias, conheci primo, conheci n pessoas, porque a minha família é... é... mestiça. É branca, é preto, né... é um... mestiço... tem... tem várias dinastias dentro da minha família."

Entrevistador: Você teve alguma referência na sua vida?

Karla: "Eu tinha. Eu tinha não, tenho. Mesmo que ela faleceu, né... é... era... a... a princesa Daiana. Eu acho que ela... era uma... era uma... era uma grande mulher. Ela tinha uma grande... é... é... influência na nossa... na nossa vida. Não na vida das trans, na vida da travesti, mas na vida das pessoas negra, né... que ela foi várias vezes pra esse país de... que tinha lá... África, o país da fome, da miséria e ela... chegou a ir até lugares de... menados pra poder tá ajudando as pessoas. Então, eu me lembro, eu estava na Europa no dia que Daiana morreu. Eu chorei tanto porque ela, pra mim, era uma referência, né... né... mesmo ela sendo uma realeza, mas ela se incomodava com a pobreza, ela se incomodava com as pessoas menos favorecidas."

Entrevistador: E alguma referência mais próxima?

Karla: "É... eu tenho... eu tinha de uma... de uma amiga que foi durante pouco tempo, de militância, né... Ela militou um tempo junto comigo. Eu... tive a oportunidade, de pouco tempo, de ter convivência, de poder tá frequentando a casa dela, de ter ela como uma... uma... uma referência de... de mulher trans, de ativista, de militância, que era Marina Garle (A grafia pode estar incorreta), uma diva da... da... da... da... da noite baiana, né... Fazia shows em várias boates aqui. Ai eu tinha ela como uma referência, né... de uma militante, de uma ativista, que também lutava pelos nossos direitos. E, também tenho a referência, que é de muita... de muita dade, ela é muito... ela é presidenta da Antra, né... que ela luta também. Ela tá empoderando, ela tá... discutindo. Ela tá inovando, que é Keila. É... ela também é uma referência... do Brasil, né... na... no âmbito nacional... e também internacional, que ela também já foi pra alguns lugares aí, fazer a nossa representação da... da... da... de pessoas trans, travestis... né..."

Entrevistador: Tem alguma coisa que você queira acrescentar que eu não perguntei?

Karla: "Hoje... eu tive a... eu tive amigas, que como você perguntou, se eu vivi a ditadura, eu não vivi, mas eu tive amigas que viveram na ditadura, que tiveram seus corpos agredido, suas vidas agredida, que fizeram também sua parte, né... que deixaram aí a sua história, sua contribuição. Professor Luiz Mott mesmo, é uma contribuição, é um... é um... homi gay, mas também contribui, porque ele foi idealizador de... de... desse... dessa ONG de militância, de luta, né... que a gente tem aqui na Bahia, o professor Luiz Mott, né... que ele empoderou também a... muitas das... da... Keila Simpson também foi empoderada por ele, e também, algumas que já morreram como Martinha, como Carlete... é... e outras né... que viveram a ditadura e sofreram, né... toda uma repressão, e deixaram o legado pra gente, né... dar continuidade, mas só que, eu quero deixar recado pra que essas que estão chegando agora, que tão achando tudo fácil... que não foi fácil. Foi bastante difícil. Pra um... pra nós chegarmos onde nós estamos hoje, a gente comeu muita poeira, né... a gente levou muito tapa na cara, a gente sofreu muito, a gente foi muito violentada. Então, as trans, as travestis novas que estão chegando agora, que acha que foi... que é fácil... não é fácil. É bastante difícil. Então, elas... é... tenham também é... é... o cuidado que nós tivemos, né... de lutar pelas que elas vão vir depois delas, né... que elas sigam, né... o caminho das que abriram espaço, pra elas hoje tá chegando, e achando tudo fácil, porque não é fácil. É muito difícil."

Entrevistador: Você teria feito algo diferente na sua vida?

Karla: "Olha, eu... eu... eu... durante muito tempo, eu queria ter feito algo, né... mas aí eu não ama... não teria amadurecido. Quando eu tive na Europa mesmo, eu tive a oportunidade de fazer a minha redesignação. Aí é... como eu não tinha me aprofundado, não tinha... é... passado por esse processo, eu voltei da sala de cirurgia, mas hoje, eu amadureci. Hoje, o meu desejo é de fazer a minha tão sonhada redesignação, né... Então, se fui... no... no passado, agora no futuro, eu to amadurecida pra fazer, né... Aí vamos ver... é... ao longo do tempo, porque aqui em Salvador é muito difícil, principalmente pelo SUS. Eu tô lá no ambulatório trans, fazeno

as minhas terapia, as minhas consulta e... quando houver espaço, né... e oportunidade, eu espero que sim, que eu consiga minha sonhada cirurgia."

Entrevistador: E o que você deseja pro futuro?

Karla: "Fora Bolsonaro."

(Entrevistador ri)

Karla: "Fora Bolsonaro. E, que a gente possa voltar a... a ter os privilégios que a gente tinha antes, que era tá fazendo seminário, que era ter o departamento de Aids, que era poder ter o departamento de Direitos Humanos, que a gente pudesse tá é... viajando, discutindo propostas é... é... é... um monte de coisas, que necessita nas nossas vida. A gente hoje sente falta, porque a gente não pode tar mais... é... é... discutindo, indo a Brasília e trazer proposta nova, e fazer poposta. Então, isso... o que eu quero pro futuro é: Fora Bolsonaro, e que venha o melhor, um melhor governo que seja... melhor de que Bolsonaro porque Bolsonaro realmente é um esquifo."

(A entrevista chega ao fim. Os créditos aparecem e o vídeo é encerrado.)